



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário – Safra 2003/2004

Palácio do Planalto, 12 de junho de 2003

Quero cumprimentar a minha esposa,
O companheiro ministro Roberto Rodrigues,
O companheiro José Dirceu, que é o nosso ministro da Casa Civil,
Os meus ministros que estão aqui, na frente, de Ciência e Tecnologia, Roberto Amaral; e de Segurança Alimentar e Combate à Fome, o companheiro José Graziano,
Álvaro Ribeiro Costa, que é o nosso Advogado-Geral da União,
O companheiro Luiz Dulci, que é o ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Miguel Rossetto, nosso ministro do Desenvolvimento Agrário,
A minha companheira Emília Fernandes, secretária especial de Política para as Mulheres,
O companheiro José Fritsch, que amanhã estará aqui comigo lançando o primeiro Programa Nacional de Pesca neste país,
E o nosso companheiro Antônio Palocci, tão elogiado pelo companheiro Roberto Rodrigues,

Olhem, antes de fazer o meu pronunciamento, quero dizer a vocês que quem merece homenagem aqui, além de vocês, é o companheiro Roberto Rodrigues.

Vejam que engraçado: eu não conhecia o Roberto Rodrigues. A primeira demonstração de que eu não queria fazer um ministério de amigos é que não conhecia o Roberto Rodrigues, a não ser de duas ou três reuniões de que participamos. Todo mundo que me conheceu, nesses últimos anos, sempre imaginou que o meu ministro da Agricultura seria o José Graziano, que, hoje, é o



responsável pela política de combate à fome.

Quando ganhamos as eleições e fomos discutir o Ministério, conversei com o Graziano: “E, agora, a Agricultura.” E foi exatamente o companheiro Graziano, que todos imaginavam que fosse ser o meu Ministro, que me falou: “Olhe, acho que você deveria conversar com o Roberto Rodrigues.” Falei para o Graziano: “Eu não tenho uma relação de amizade com o Roberto Rodrigues. Então, você converse com o Roberto Rodrigues.” O Graziano conversou, sondou – porque tem esse negócio de sondagem –, ele não recusou, mas também não disse que sim. Estava sendo pretendido por outros times de futebol, tinha vontade de ser cantador de tango, em Buenos Aires. Eu fui a uma reunião com um grupo de governadores e disse a um governador: “Sei das suas pretensões. Por favor, não mexa com o Roberto Rodrigues, porque vou convidá-lo para ser ministro da Agricultura”. Esse governador respeitou o trato, não convidou o Roberto e, então, o Roberto ficou com o “passe” livre para aceitar ser ministro da Agricultura.

E por que nós fizemos isso? Fizemos porque eu sempre achei que, muitas vezes, as coisas no Brasil não davam certo porque pessoas que não entendem dão muito palpite. E era preciso procurar alguém que conhecesse, alguém que tivesse relação de confiança com os empresários do setor agrícola neste país. Eu fiz isso com esse companheiro e fiz isso com o Furlan. São dois setores que eu falei: “Não quero brincadeira nessas áreas”. Para essas áreas, eu tenho que chamar duas pessoas altamente entendidas no assunto, porque são áreas que estão dando certo, o Brasil depende muito das exportações e depende muito da agricultura e temos, então, que fazer com que os melhores possam assumir.

E nesses cinco meses de Governo – parece muito, mas só faz cinco meses que nós estamos no Governo – eu não conheci todos os ministros da Agricultura que o Brasil teve, portanto, não posso fazer julgamento de nenhum. Agora, eu duvido que, em algum momento da história da agricultura brasileira, o Brasil tenha tido alguém melhor do que o Roberto Rodrigues. Não apenas melhor do ponto de vista do conhecimento técnico, não apenas melhor do ponto de vista do conhecimento



específico da agricultura, mas melhor porque um homem não é medido apenas pelo seu conhecimento técnico e científico, muitas vezes ele é conhecido pela sua alma, pela sua bondade, pelo seu companheirismo.

E eu acho que vocês e nós, do Governo, devemos muito ao companheiro Roberto Rodrigues, pela dedicação, pela determinação, pela capacidade de convencimento. Eu diria que ele é um “cri-cri”, em defesa da agricultura brasileira. Ele, certamente, não deixa nenhum ministro em paz. E, quando há qualquer senão com algum ministro, eis que o Roberto Rodrigues me chega e fala assim: “Presidente, eu precisava conversar um minutinho com Vossa Excelência. Um minutinho, é o seguinte: convença o Palocci que precisa fazer tal coisa”.

Eu acho que vocês estão dignamente representados pelo nosso companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura. Se a gente for levar a ferro e fogo todos os projetos e os planos que ele tem na cabeça, podem ficar certos de que tudo o que ele mostrou de futurologia, aí, será pequeno diante do que vai acontecer no nosso país nos próximos anos.

E estamos fazendo isso porque acreditamos que esse é um caminho e que o Brasil não deve favor a nenhum país do mundo, nem aos países em via de desenvolvimento, nem à União Européia, nem aos Estados Unidos, nem à Austrália. Na agricultura, no agronegócio, o nosso país adquiriu ISO “não sei quantos mil”, porque nós estamos preparados para enfrentar qualquer área.

É por isso que lá fora ainda se fala muito em comércio livre, mas não querem tirar os seus subsídios, porque sabem que nós vamos “dar um banho” com a nossa competência na agricultura. Tenho certeza de que vamos fazer isso.

Do ponto de vista internacional, estamos trabalhando com uma visão muito clara, sem deixar de perceber a importância da União Européia, dos Estados Unidos. Nós estamos tentando consolidar outras possibilidades de parcerias na América do Sul. Nós nunca tivemos a oportunidade extraordinária de uma boa relação com a Argentina, como temos agora. E vamos consolidá-la. Nós queremos novos países nesse negócio.



Nós estamos, agora, fazendo uma visita à África, sobretudo a alguns países com os quais nós temos interesse de negociar no continente africano. Em dezembro, nós vamos para os países árabes, porque o Brasil não vai ficar esperando as pessoas virem aqui. Nós vamos atrás, porque nós temos o que mostrar, não apenas aqui dentro, mas mostrar lá fora. E achamos que temos condições de obter grandes resultados.

Estamos numa aproximação muito grande com a China, com a Índia, com a Rússia. Nós não vamos ficar esperando as pessoas perguntarem o que a gente tem, nós vamos lá. Antigamente, diziam: “Vamos mostrar o que a baiana tem”, agora, mostrar o que o Brasil tem para colocar no mundo.

Então, estejam certos de que o nosso companheiro Roberto foi humilde nos prognósticos dele, porque a pretensão coletiva do Governo é ainda muito maior do que o que o Roberto anunciou para vocês.

Nós pretendemos – antes de ler o meu discurso – enviar o mais rápido possível, em caráter de emergência, um projeto de lei sobre a questão do seguro agrícola. Nós vamos ter o chamado “seguro rural”, pelo qual tantos brigam por este país afora. Nós vamos mandar, em caráter de urgência, para que os deputados, depois, façam democraticamente a sua parte, votando esse projeto com urgência.

Este é o primeiro Plano de Safra que o meu Governo apresenta. Ele será anunciado em duas etapas. Hoje, estamos destacando o agronegócio. A agricultura familiar também está sendo contemplada. O Plano de Safra destinado aos pequenos produtores será divulgado nos próximos dias.

Tenho afirmado que a agricultura empresarial e a agricultura familiar são, além de complementares, necessárias e indispensáveis ao maior desenvolvimento do meio rural brasileiro.

Neste Plano, do meu Governo, estão definidos os mecanismos para que o Brasil tenha, no ano que vem, uma safra ainda maior do que a deste ano.

Sabemos que essa é uma meta difícil. Mas ela é digna da grandeza da agricultura brasileira. Até porque, em política, não existe milagre. Existe



determinação, existe trabalho, existe definição de prioridades e existe um horizonte que almejamos alcançar.

Este ano o Brasil irá colher a maior safra de sua história. Segundo os informes do meu companheiro Roberto Rodrigues, nós iremos colher algo em torno de 115 milhões de toneladas. Esse número é resultado do tremendo esforço dos produtores brasileiros que, além disso, tiveram um ano bom, com chuva na hora certa e sem maiores contratempos climáticos. Se as condições forem novamente favoráveis, poderemos superar a barreira de 120 milhões de toneladas na próxima safra.

Hoje, o agronegócio é responsável por 29% do PIB brasileiro, por 41% de nossas exportações e por 37% dos empregos gerados no nosso país. No que depender do Governo, esses percentuais serão ainda maiores nos próximos anos. Até porque cultivamos, hoje, pouco mais de 40 milhões de hectares de terras, sendo que possuímos mais 90 milhões de hectares de áreas agricultáveis.

E as medidas que eu vou anunciar agora vão levar a agricultura brasileira a ampliar a oferta de alimentos no país e a conquistar cada vez mais mercados no mundo.

Estamos colocando à disposição do produtor rural brasileiro, para a safra 2004, 32 bilhões e 500 milhões de reais. Isso, apesar da difícil situação econômico-financeira do nosso país. É bom vocês guardarem o número, porque se não começar a sair, vocês me telefonam que eu vou cobrar ao Roberto e cobrar ao Palocci porque, no Brasil, não foram poucas às vezes em que se anunciou durante o dia e, quando fomos ver recebemos a noite. E essa coisa, para nós, é séria porque entre seres humanos tem que existir, sobretudo, uma relação de confiança. Confiança para quando a gente diz “sim”.

Temos, um aumento de 25,8% em relação aos valores liberados na safra passada. Desse total, 27 bilhões e 100 milhões serão liberados pelo Ministério da Agricultura. Os outros 5 bilhões e 400 milhões de reais, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário.



As taxas de juros, que hoje estão em 8,75%, serão mantidas nos níveis atuais para os empréstimos de custeio e investimento, inclusive nos programas executados com recursos do BNDES.

Já o Proger Rural, programa de geração de emprego e renda, terá suas taxas de juros reduzidas de 8,75% para 7,25%.

Estamos destinando 5 bilhões e 750 milhões a programas de investimento e modernização para o setor produtivo rural. Esses recursos, provenientes do BNDES, dos Fundos Constitucionais e do Proger Rural, representam um aumento de 24,2% sobre a safra passada.

O Proger Rural terá seu volume de recursos dobrado em relação à safra 2002/2003, passando para 1 bilhão e 900 milhões de reais; 32% desse montante do Proger – ou seja, 600 milhões de reais – serão destinados à aquisição de maquinário agrícola.

E um parêntese aqui: o Roberto ainda não me convenceu de que a gente não pode ter, num futuro muito próximo, uma linha de crédito para tratores usados, ou seja, para pessoas que não podem comprar um novo. Essa é uma coisa de que o Roberto não me convenceu, vai ter que ter muito papo para me convencer de que não é possível fazer isso.

Se a gente começa a vida comprando um carrinho velho, no campo a gente pode começar comprando um tratorzinho usado, para que a gente possa produzir. Na agricultura familiar, possivelmente muitos poderiam adquirir, se tivessem financiamento.

Esse programa vai garantir que os pequenos e médios produtores tenham acesso à tecnologia utilizada pelos grandes produtores.

O Governo está incentivando a produção de alimentos básicos, com o objetivo de aumentar o abastecimento. Vamos garantir comida na mesa do povo. Até porque é uma coisa inexplicável, do ponto de vista da segurança de um país, a gente ter tanta capacidade de produção de alimento e saber que tem tanta gente com fome no Brasil.



E, mais ainda, os números que o ministro da Agricultura citou, do que nós temos em disponibilidade de estoque é muito pequeno para um país da dimensão do Brasil. Até porque o estoque é uma questão de segurança nacional. Um país tem que ter uma quantidade de comida estocada para enfrentar as adversidades. Senão, uma simples garoa pode fazer a gente entrar em colapso. A gente se preocupa com energia, com água, com dinheiro, com financiamento, com trator, com tecnologia e a gente não se preocupa com o estoque daquilo que é básico para a sobrevivência humana, que é o alimento. Nós vamos levar isso muito a sério.

Isso, sem deixar de dar a devida atenção aos principais produtos do agronegócio brasileiro, fundamentais como itens de exportação e geração de emprego e renda.

Também vamos investir na recomposição dos estoques públicos para evitar oscilações bruscas de preço.

O Estado brasileiro precisa ter um papel muito mais vigoroso na estocagem de produtos agrícolas. No Brasil, somente 5% das propriedades possuem infraestrutura de armazenamento. É pouco e nós precisamos cuidar disso com muito carinho. Na Argentina, esse número chega a 25%; na União Européia, a 50%, e nos Estados Unidos, a 65%. Portanto, nós estamos, ainda, muito distantes daquilo que é o ideal de capacidade de armazenamento das coisas que nós produzimos.

Quero terminar falando de cooperativas. Estamos abrindo linhas de crédito para a formação, ampliação e renovação do capital fixo e do capital de giro das cooperativas, possibilitando a sua modernização. Para isso, vamos investir, por meio do Prodecoop, 450 milhões de reais, o que significa um aumento de 80% sobre a safra anterior.

A nossa agricultura já tem dado uma contribuição extraordinária ao país. No meu Governo, e com essas medidas, se tornará ainda mais forte e decisiva para o crescimento da economia e do bem-estar do nosso povo.

Ao terminar, quero que vocês saiam daqui – já que nós não temos o hábito de oferecer um coquetel, quando termina uma atividade – com a convicção de que não



haverá nenhuma porta fechada neste Governo, que não haverá nenhum problema insolúvel nesses próximos quatro anos, até porque eu acredito que não há problema que não tenha solução se as pessoas que estão envolvidas naquele problema tiverem bom senso, discernimento, e que cada um se convença de que, individualmente, ninguém é o dono da verdade. Nós precisamos construir uma verdade que interesse à maioria daqueles que nós representamos.

Quero que vocês saiam daqui com uma convicção: não deixem de reivindicar, porque reivindicar é sempre muito importante e mantém o Governo sempre em estado de alerta. Momento ruim, num Governo, é aquele em que o Governo pensa que está fazendo tudo, que está perfeito e se contenta com as pesquisas de opinião pública.

Para nós, a cobrança é uma necessidade, para que a gente nunca deixe de perceber que a sociedade brasileira está vigilante, em relação aos nossos passos.

Entretanto, eu quero que essa cobrança seja feita com maturidade. Porque a vida é assim: vocês cobram do Governo, os credores de vocês cobram de vocês, os credores dos credores de vocês cobram deles; ou seja, tem sempre uma fila de pessoas achando que o outro pode mais e pode fazer tudo.

Eu sempre faço a comparação da casa da gente. Nem sempre a gente consegue atender tudo que a mulher da gente deseja, que os maridos das mulheres desejam, que os nossos filhos desejam.

Hoje, por exemplo, é o Dia dos Namorados, e eu não sei se todos conseguirão dar o presente que a mulher espera que dêem. Não sei nem se todos voltarão para casa, hoje.

Então, este Governo quer estabelecer com vocês e quer estabelecer com a agricultura familiar uma relação que eu não sei se vocês já tiveram, mas, se não tiveram, vão ter. Haverá momentos em que a gente vai ter que dizer “não”, e esse “não” tem que ser dito com a mesma sinceridade, com a mesma honestidade e no mesmo tom de voz com que a gente diz “sim”.



Quando os seres humanos estabelecerem essa relação de confiabilidade, podem ficar certos: tudo vai ficar mais fácil para o nosso país.

Muito obrigado.

lrj/mcpro